

# A DEFESA E A DESAPROVAÇÃO DE PAULO

Estavam acontecendo divisões na igreja em Corinto. Facções estavam sendo criadas por uma ênfase demasiada na sabedoria humana. Paulo advertiu seus leitores a voltarem ao evangelho que dele ouviram, poucos anos antes.

O apóstolo enfrentou uma tarefa difícil ao abordar a questão das divisões, mas outra questão precisava ser tratada. Alguns estavam se opondo à autoridade de Paulo. Consequentemente, o apóstolo foi compelido a dizer alguma coisa sobre si mesmo – sobre seu relacionamento com o Senhor e com a igreja em Corinto.

A abordagem de Paulo ao problema tem implicações claras para a igreja atual. Tipicamente, a procura da verdade é útil quando quem busca a verdade consegue ser imparcial em relação ao assunto e o examina sem preconceito. Todavia, essa imparcialidade se torna um desafio maior quando se busca a verdade acerca de Deus e do relacionamento do indivíduo com Ele.

A aceitação da verdade de Deus define a maneira como se vive. Não se pode fazer perguntas que investigam o que significa ser humano, como tratar o próximo, o que Deus exige e o que acontece após a morte de uma perspectiva totalmente objetiva e imparcial. Essas perguntas envolvem uma entrega pessoal ao que se crê. Se um líder espiritual agisse com essa imparcialidade, ele não inspiraria ninguém e cometeria um ato quase imperdoável.

Nesta carta aos coríntios, vemos o comprometimento de Paulo com tudo que glorifica a Cristo, tudo que resulta na reconciliação de pecadores com Deus. O apóstolo sabia que o que a igreja pensava dele pessoalmente influenciaria totalmente a obediência dos membros e sua esperança em Cristo. Embora lhe fosse desconfortável fazê-lo, o apóstolo teve de se reportar às críticas e defender seu ministério.

## SERVIÇO VERSUS JULGAMENTO ARROGANTE (4:1-5)

**<sup>1</sup>Assim, pois, importa que os homens nos considerem como ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus. <sup>2</sup>Ora, além disso, o que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel. <sup>3</sup>Todavia, a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós ou por tribunal humano; nem eu tampouco julgo a mim mesmo. <sup>4</sup>Porque de nada me argúi a consciência; contudo, nem por isso me dou por justificado, pois quem me julga é o Senhor. <sup>5</sup>Portanto, nada julgueis antes do tempo, até que venha o Senhor, o qual não somente trará à plena luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações; e, então, cada um receberá o seu louvor da parte de Deus.**

**Versículo 1.** Anteriormente, Paulo chamou a si mesmo e a Apolo de “servos” (3:5), mas naquele caso ele optou pela palavra *διάκονοι* (*diakonoi*), um termo com conotações um tanto diferentes das presentes no termo usado em 4:1 para “despenseiros” (*ὑπηρέται*, *hupēretai*) ou “servos” [NVI]. Este vocábulo era às vezes usado para o assistente de um oficial do governo ou um médico. No início da primeira viagem missionária de Paulo, João Marcos acompanhou o apóstolo e também Barnabé como um “auxiliar” (*ὑπηρέτης*, *hupēretēs*<sup>1</sup>; Atos 13:5). Era

<sup>1</sup>A etimologia desta palavra pode remontar ao “remador”, que ficava no nível mais baixo de uma embarcação grega chamada “trirreme”; todavia, é improvável que Paulo estivesse comparando a sua obra a um “remador inferior.” (Karl H. Rengstorf, “ὑπηρέτης,” em *Theological Dictionary of the New Testament*, ed. Gerhard Friedrich, trad. e ed. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1972, vol. 8, p. 533).

uma posição subalterna. A maneira como Paulo empregou a palavra neste contexto indica que ele não queria outra posição para si nem para Apolo, senão a de um auxiliar. Ambos eram assistentes na obra do Senhor Jesus Cristo.

Tanto Paulo como Apolo eram **ministros**; levavam a sério seu ministério. Como assistentes do Senhor, também eram Seus **despenseiros** (οἰκονόμοι, *oikonomoi*), agentes ou “encarregados” (NVI) de prestar um serviço a um senhor. Jesus confiou-lhes uma responsabilidade. O ministério deles aos cristãos coríntios era uma das tarefas dessa servidão prestada a Cristo. Eram ministros, mas também eram despenseiros dos **mistérios de Deus**. O que Paulo quis dizer com “mistérios” é definido mais completamente em Efésios 3:4-7:

Pelo que, quando ledes, podeis compreender o meu discernimento do mistério de Cristo, o qual, em outras gerações, não foi dado a conhecer aos filhos dos homens, como, agora, foi revelado aos Seus santos apóstolos e profetas, no Espírito, a saber, que os gentios são co-herdeiros, membros do mesmo corpo e co-participantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho; do qual fui constituído ministro conforme o dom da graça de Deus a mim concedida segundo a força operante do Seu poder.

Nada no contexto sugere as religiões misteriosas gregas, embora os leitores com formação pagã de uma cidade como Corinto estivessem bem familiarizados com a ideia de que “mistérios” referiam-se a divindades gregas como Deméter e outras importadas como a deusa egípcia Ísis.

**Versículo 2.** Dentre tudo o que envolvia o ministério de Paulo aos cristãos em Corinto ou em outros locais, seu primeiro compromisso era com o Senhor que os comprara por um preço. Paulo não descreveu o seu ministério, mas expressou assim sua firme determinação de ser fiel a ele: **...o que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel**. Um despenseiro era um servo de confiança encarregado da propriedade. Ele não era o proprietário, mas era responsável pela gestão dos negócios na ausência do proprietário.

Pouco mais de duas décadas antes de Paulo escrever, Jesus considerou útil a figura de um despenseiro ou mordomo para ensinar verdades espirituais. Ele ilustrou a relação de uma pessoa com os bens materiais contanto a história de um despenseiro que foi pego enganando o homem que lhe confiou essa função (Lucas 16:1-9). Em outra ocasião, o Senhor advertiu contra o julgamento, pergun-

tando: “Quem é, pois, o mordomo fiel e prudente, a quem o senhor confiará os seus conservos...?” (Lucas 12:42). Paulo concebia o seu relacionamento com Cristo como uma mordomia ou administração confiada aos seus cuidados (Gálatas 1:15, 16). Os apóstolos eram, na verdade, despenseiros numa capacidade ímpar. Todavia, num sentido mais amplo, essa mordomia ou administração é um conceito útil para todo o viver cristão. Pedro desafiou todo crente a ser fiel ao dom recebido de Deus (1 Pedro 4:10).

**Versículo 3.** Alguns cristãos coríntios pareciam acreditar que tinham motivos para destacar algumas inadequações em Paulo. É improvável que questionassem o conteúdo de seu ensino; criticavam mais a maneira, o jeito do apóstolo. Julgavam que Paulo não falava bem ou que sua aparência e argumentação não continham sofisticação linguística. Alguns talvez ficassem desconcertados por Paulo ser comparado com os sofistas favoritos de seus familiares e conhecidos.

O apóstolo entendeu que seus críticos perdiam tempo com banalidades. Ele afirmou que tais julgamentos eram de **mui pouco** valor. Eles não preocupavam Paulo nem um pouco. Ben Witherington III descreveu a situação da seguinte maneira:

Na mente deles estava o direito de julgar Paulo, já que era isso o que o público fazia com os retóricos e sua oratória. A referência a julgar não tem tanto a ver com Paulo ser um agente legítimo de Deus, quanto com a *forma* do seu ministério – tanto suas palavras como sua presença pessoal. Em resumo, ele era retoricamente rude.<sup>2</sup>

Seria um erro concluir, com isto, que Paulo não se preocupava com o que pensavam a respeito de seu ministério. Qualquer ministro é responsável por sua conduta pessoal e esse certamente era o caso de Paulo como apóstolo. Eram os critérios que seus oponentes usavam para julgá-lo que o preocupava. O jeito e o estilo de seu ensino eram o centro das críticas. Tais detalhes poderiam até ser relevantes para um **tribunal humano**, mas não no que tange à pregação do evangelho. O apóstolo disse: **Nem eu tampouco julgo a mim mesmo**. Cabia somente ao Senhor julgar a apresentação que Paulo fazia da mensagem da cruz.

**Versículo 4.** Parece haver uma dose de ousadia

---

<sup>2</sup>Ben Witherington III, *Conflict and Community in Corinth: A Socio-Rhetorical Commentary on 1 and 2 Corinthians*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1995, p. 137.

nas palavras: **Porque de nada me argúi a consciência.** A maioria das pessoas faz poucas críticas quando avalia as próprias fraquezas. Paulo não estava alegando ser infalível. Ao mesmo tempo, ele não hesitou em defender sua integridade. No que dizia respeito ao seu dever perante Deus, à sua apresentação da verdade e ao seu exemplo de conduta cristã, o apóstolo podia confrontar seus oponentes sem ruborizar-se. Em 4:16, ele escreveu: “Admoesto-vos, portanto, a que sejais meus imitadores” (veja 11:1). Paulo não ignorava o pecado nem o tratava levemente. Ele se recusava a justificar a conduta imoral ou desonesta. Ninguém podia negar que ele era exemplo perante os coríntios.

Em se tratando de suas habilidades retóricas, Paulo não emitiu nenhum julgamento sobre si mesmo, mas foi inflexível quanto à sua fidelidade a Deus. Ele levava a palavra de Deus a sério, como um guia, para sua própria vida. A igreja sofre quando professores cristãos se comportam de uma maneira e ensinam de outra. Além disso, Paulo foi cauteloso. Mesmo ciente de não haver incoerência entre a vida que ele proclamava e a vida que vivia, o apóstolo não alegou ser perfeito. Somente perante Deus ele seria justificado ou condenado: **Quem me julga é o Senhor**, disse ele. De qualquer maneira, os críticos de Paulo estavam mau equipados para serem seus juízes.

**Versículo 5.** Quando Paulo aconselhou os cristãos de Corinto a **nada** [julgarem] **antes do tempo**, até que [viesses] **o Senhor**, ele estava se reportando a uma espécie diferenciada de julgamento. Alguns membros haviam assumido a prerrogativa de juiz de questões sobre as quais não tinham direitos nem qualificações. Jesus advertira Seus seguidores a não ousarem julgar as intenções ou os corações das pessoas (Mateus 7:1–5; veja Tiago 4:11). Todavia, o apóstolo não estava dizendo que todo julgamento deve ser suspenso até que o arcanjo ressoe sua trombeta. Antes de terminar a carta aos coríntios, ele os incentivaria a julgar um indivíduo entre eles que estava vivendo com a mulher do pai (5:1–5), a julgar as contendas que surgira entre eles (6:5) e a reconhecer e rejeitar toda conduta imoral (veja 6:15).

Quando o Senhor voltar, o tempo terreno terminará e Cristo **trará à plena luz as coisas ocultas das trevas**. Cristo é o único ser qualificado para manifestar **os desígnios** [intenções] **dos corações**. Paulo não argumentou que a vinda de Cristo significará o fim dos tempos e o começo da vida eterna para os remidos; ele pressupôs que isso já era evidente.

Ele não disse nada sobre segredos misteriosos relativos a um arrebatamento dos santos, um reino de mil anos de Cristo sobre a terra, uma batalha de Armagedom, uma restauração dos judeus a Israel, ou sacrifícios oferecidos por sacerdotes de um templo reconstruído em Jerusalém. Esses ensinamentos não constam das Escrituras. No Novo Testamento, a escatologia<sup>3</sup> se presta para duas finalidades: 1) os fatos no fim dos tempos são apresentados para nos assegurar que Deus é soberano. Ele está direcionando o mundo para o fim que Ele determinou. 2) O conhecimento de que o tempo humano está chegando ao fim nos faz lembrar que viver piedosamente é urgente. Pedro exortou os cristãos a avaliarem que tipo de pessoas eles deveriam ser para viverem “em santo procedimento e piedade” (2 Pedro 3:11).

### PAULO VERSUS OS CORÍNTIOS FACCIOSOS (4:6–13)

A desunião que ameaçava a igreja em Corinto se baseava em mais do que preferências por um ou outro mestre. Aqueles crentes estavam em conflito por causa de uma obstinada competição. Ao explicar a relação entre o seu trabalho e o de Apolo, Paulo estivera tratando dos sintomas, e não da doença propriamente dita. A desunião era prova de que não estavam cheios do Espírito de Cristo. Estavam enganados quanto à servidão ensinada na cruz. A igreja se tornara para eles um veículo para o exercício da dominação competitiva, em vez de amor compassivo. Paulo dera exemplo de Cristo para eles, todavia continuavam se comportando como o mundo.

Empregando mais de uma ironia, Paulo reprovou seus leitores contrastando o comprometimento exigido aos apóstolos com as disputas egoístas em Corinto. A irmandade conhecia a Cristo não só pelas palavras do apóstolo, mas também pelo auto-sacrifício e comprometimento que Jesus inspirara nele. Paulo escreveu a respeito do que o ofício apostólico o impeliu a fazer. Como apóstolo, ele não tivera o prazer de discorrer acerca dos méritos de uma retórica habilidosa. Coubera a ele fraqueza, fome, frio e maus tratos. A igreja precisava abandonar as contendas arrogantes e as comparações insanas de mestres e acatar com apreço as evidências substanciais da presença de Cristo entre eles.

---

<sup>3</sup>Este termo vem do grego ἔσχατος (*eschatos*), que significa “último”; por conseguinte, o estudo dos últimos tempos.

## Todos São Iguais (4:6, 7)

**“Estas coisas, irmãos, apliquei-as figuradamente a mim mesmo e a Apolo, por vossa causa, para que por nosso exemplo aprendais isto: não ultrapasseis o que está escrito; a fim de que ninguém se ensoberbeça a favor de um em detrimento de outro. <sup>7</sup>Pois quem é que te faz sobressair? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tiveras recebido?”**

**Versículo 6.** Estas coisas que Paulo havia aplicado **figuradamente** a si mesmo e a Apolo são provavelmente suas metáforas do construtor e do agricultor citadas em 3:6–11. Todavia, a implicação dessas metáforas incluía a exposição iniciada em 1:10. As figuras de linguagem tiradas da arquitetura ilustraram a relação dos dois mestres entre si e com os destinatários da carta (3:4–11). O propósito do apóstolo foi contrastar a mentalidade servil de seus mentores com o espírito competitivo manifestado entre muitos membros daquela igreja.

A expressão “apliquei-as figuradamente” traduz o grego μετασχηματίζω (*metaschematizō*). Frederick William Danker parafraseou Paulo com isto: “Dei a esse meu ensino a forma de uma exposição sobre Apolo e sobre mim mesmo”<sup>4</sup>. Estava implícito na aplicação figurada de Paulo um rogo para que os leitores se munissem do que os seus mestres lhes haviam dado. Era uma injustiça tanto para Paulo como para Apolo terem seus nomes usados como pretexto para facções dentro do corpo.

Paulo e Apolo eram os elementos da comparação; ele não mencionou Cefas (Pedro). No decorrer dos capítulos 1 a 4, “Cefas” aparece somente duas vezes (1:12; 3:22), ao passo que “Apolo” ocorre seis vezes (1:12; 3:4, 5, 6, 22; 4:6). Mais relevante do que o número de ocorrências é que Paulo aplicou figuradamente essas comparações **por vossa causa**, e não por causa de Apolo ou Cefas. Parece claro que Paulo introduziu Cefas somente com fins hipotéticos. Os que formaram os partidos aclamando Paulo ou Apolo vencedores talvez estivessem também formando mais um partido em torno de Cefas ou Cristo. Essas divisões eram indesculpáveis. O fato de Paulo mencionar “Cefas” não prova que Pedro

estivera em Corinto.

A última parte do versículo é obscura. Uma tradução literal do grego seria: “...a fim de que vocês saibam por nós e não por outros o que está escrito”. Os tradutores acrescentaram palavras como “ultrapassar” visando comunicar o que acreditavam ser o significado da frase. O artigo τό (*to*, “o”) presente no original grego antes de **não ultrapassais o que está escrito** (τὸ Μὴ ὑπὲρ ἃ γέγραπται, *to Mē huper ha gegraptai*), sugere que a frase era uma lema usado por alguns da congregação. Talvez o próprio Paulo tenha destacado isso como um princípio diretivo para a igreja seguir diante de escolhas difíceis. A NVI diz aqui: “...para que aprendam de nós o que significa: ‘Não ultrapassem o que está escrito’”.

Do que Paulo estava falando quando se referiu a “o que está escrito”? Seria ao Antigo Testamento? Teria ele escrito um breve manual de instrução para eles? Teria o apóstolo deixado uma lista de dizeres da boca de Jesus? Os leitores de hoje jamais saberão a resposta a essas perguntas com absoluta certeza, mas é claro que “o que está escrito” confirmava que os mestres deveriam ser servos e despenseiros de Cristo. Não eram fontes independentes de autoridade nem modelos de retórica ou sofisticação filosófica, e não deveriam ser foco para facções.

O contexto fornece o melhor palpite sobre o que Paulo tinha em vista com a expressão “o que está escrito”. Em 3:19 e 20, ele começou a citar duas passagens (Jó 5:13; Salmos 94:11) dizendo: “Está escrito...” As duas passagens exaltam a sabedoria de Deus acima da especulação humana. Os coríntios haviam ultrapassado as coisas escritas se ensoberbecendo **a favor de um em detrimento de outro**. O apóstolo os aconselhou a confiar na sabedoria revelada por Deus. Essa sabedoria se achava no Antigo Testamento e na revelação que Cristo entregara a eles por meio de mestres inspirados. Ir além desses ensinamentos era tomar um rumo perigoso.

**Versículo 7.** Além de acusar os coríntios de fazerem distinções entre ele mesmo, Apolo e outros pregadores, Paulo também os acusou de assumirem o papel de juízes. Em 4:7, Paulo indagou: “Quem?”, “Que?”, “Por quê?” A primeira pergunta – **quem é que te faz sobressair?** – é difícil. Estaria Paulo falando sobre se julgarem uns aos outros? Seria essa pergunta uma acusação: “Tem alguém entre vocês ousado o bastante para julgá-los superiores?” Esse é o entendimento da maioria dos tradutores: “Pois, quem torna você diferente de qualquer outra pessoa?” (NVI) ou “Pois, quem te diferencia?” (ARIB).

<sup>4</sup>Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3a. ed., rev. e ed. Frederick William Danker. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 642.

Um grande problema com essa interpretação é que se esperaria o emprego de um pronome plural, ao passo que foi usado o pronome singular no grego, “tu” (ou “você”; *σε, se*).

Por outro lado, a pergunta pode ser entendida mais positivamente: “Quem está fazendo distinções entre vocês?” A resposta subentendida seria: “Ninguém! Ninguém está em posição superior para julgar”. Se fosse esse o sentido, esperaríamos um pronome plural e talvez um *μή* (*mē*, “não”), implicando uma resposta negativa, na introdução da pergunta. Gordon D. Fee defendeu que o problema básico que Paulo tinha com a igreja coríntia residia na rejeição de sua autoridade apostólica. Em conformidade com isto, Fee argumentou que a pergunta deveria ser assim traduzida: “Quem vocês pensam que são para se colocarem na posição de julgar o servo de outra pessoa?”<sup>5</sup> As demais perguntas tendem a emprestar apoio a essa interpretação, porém Fee não solucionou o uso conflitante do pronome singular. Talvez um indivíduo em Corinto, anônimo na carta, fosse um líder dessas divisões. Isso explicaria o pronome singular “tu”.

Qualquer que fosse a natureza das perguntas de Paulo, a resposta esperada é a mesma: perante Deus, todos os seres humanos são iguais. Todos recebem da abundância de Deus. Aquela congregação fora abençoada com os ensinamentos de Paulo, Apolo e talvez outros. Ninguém tinha o direito de assumir a posição de juiz. O espírito faccioso e a prática de competir entre si objetivando destaque, entre outras coisas, comprovava uma incrível falta de gratidão.

### Superioridade Não É o Objetivo (4:8–13)

**<sup>8</sup>Já estais fartos, já estais ricos; chegastes a reinar sem nós; sim, tomara reinásseis para que também nós viéssemos a reinar convosco. <sup>9</sup>Porque a mim me parece que Deus nos pôs a nós, os apóstolos, em último lugar, como se fôssemos condenados à morte; porque nos tornamos espetáculo ao mundo, tanto a anjos, como a homens. <sup>10</sup>Nós somos loucos por causa de Cristo, e vós, sábios em Cristo; nós, fracos, e vós, fortes; vós, nobres, e nós, desprezíveis. <sup>11</sup>Até à presente hora, sofremos fome, e sede, e nudez; e somos esbofeteados, e não temos morada certa, <sup>12</sup>e nos afadigamos, trabalhando com as nossas próprias mãos. Quando somos injuriados, bendizemos;**

<sup>5</sup>Adaptado de Fee, p. 171.

**quando perseguidos, suportamos; <sup>13</sup>quando caluniados, procuramos conciliação; até agora, temos chegado a ser considerados lixo do mundo, escória de todos.**

**Versículo 8.** É um eufemismo chamar essas palavras de Paulo de “ironia”: **Já estais fartos, já estais ricos.** “Sarcasmo ácido” seria uma melhor definição. Paulo estava descrevendo o sentimento que ele viu em ação entre os coríntios. Os comentaristas já sugeriram uma variedade de conflitos refletidos por essas palavras. Alguns dos irmãos poderiam estar convencidos de que o fim dos tempos já havia chegado, que já estavam vivendo a era do Espírito. Nesse caso, tal perspectiva teria resultado num questionamento da autoridade de Paulo. Esse conflito em Corinto ajudaria a explicar alguns dos problemas que o apóstolo tratou na carta<sup>6</sup>.

As declarações do apóstolo parecem demasiadamente severas. **Chegastes a reinar sem nós**, disse ele. Estavam sendo insensatos por pensar assim. Se tinham descoberto a verdade e a bondade através de revelações diretas do Espírito, não precisavam da mensagem da cruz. A repreensão de Paulo em 4:8 e 9 estabelece um contraste acirrado com 1:4 e 5, em que ele disse: “Sempre dou graças a *meu* Deus a vosso respeito... porque, em tudo, fostes enriquecidos nEle, em toda a palavra e em todo o conhecimento”. Anteriormente, ele tinha reconhecido a dependência deles da graça de Deus. A esta altura, porém, o apóstolo expressou desaprovação da suposta não dependência da graça. Antes de continuar, o apóstolo fez uma pausa e disse: **Tomara reinásseis para que também nós viéssemos a reinar convosco.** Paulo insinuou que chegaria o tempo de reinar com Cristo. Ele queria apressar a chegada desse dia. Quando o reino deles com o Senhor começasse, Paulo estaria entre eles.

A ironia foi um método muitas vezes empregado por Paulo para autodefesa (veja, por exemplo, 2 Coríntios 11:1; 12:16), mas a autodefesa não parece estar em questão em 1 Coríntios 4:8. Paulo estava preocupado com o bem-estar espiritual da igreja, uma questão intimamente ligada à sua autoridade apostólica. O seu comportamento tinha sido um modelo para seus leitores seguirem; todavia, os coríntios buscaram seu próprio curso, elegendo

<sup>6</sup>Anthony C. Thiselton, “Realized Eschatology at Corinth”, *New Testament Studies* 24 (julho de 1978), pp. 510–26.

o poder e a sabedoria definidos pelo mundo mais importantes do que os definidos por Cristo. Independentemente dos demais assuntos tratados na carta, isso indica que uma quantidade considerável de irmãos se julgava guia espiritual melhor do que Paulo. Alegavam que o Espírito Santo havia confirmado neles a convicção de que os dilemas morais da vida haviam sido superados por eles porque viviam numa atmosfera do Espírito que não podia ser invadida por pensamentos mundanos. Paulo rejeitou a atitude de seus críticos de superestimarem seus próprios poderes de discernir as coisas espirituais. Paulo refutou completamente tais pensamentos porque a consumação plena do reino ainda estava por vir.

**Versículo 9.** A seguir, explicou que seu apostolado não visava a superioridade entre os homens. Era uma honra ser apóstolo no sentido de ser chamado por Deus; mas, em termos estritamente humanos, isso não trazia prestígio nem facilitava a vida. O próprio Paulo ainda não estava “farto” (4:8); ele ainda não estava rico, a reinar como um rei. Tampouco algum cristão de Corinto. A posição arrogante da qual alguns emitiam julgamento contra Paulo evidenciava falta de entendimento de todo o processo cristão. Os que competiam por superioridade tinham muito a aprender com Cristo e Seus apóstolos. O contraste entre Paulo e seus caluniadores era distinto.

Empregando figuras de linguagem das arenas em que gladiadores duelavam, Paulo comparou os apóstolos com **condenados à morte**; haviam se tornado **espetáculo ao mundo**. Não há dignidade alguma em ser sentenciado à morte. O apóstolo comparou-se com esses prisioneiros. Ele era um espetáculo, parte de um entretenimento vespertino, uma amostra aberta **tanto a anjos, como a homens**. Apesar disso, suas palavras não continham queixas carregadas de autocomiseração; pelo contrário, ele estava mostrando aos coríntios que a tarefa de um apóstolo não era como o papel glamoroso dos sofistas pagãos populares. Seus difamadores não poderiam deixar de reconhecer isso. Se Paulo, apóstolo de Cristo, sofreu maus tratos por causa deles, talvez fosse razoável pedir que fossem um pouco mais misericordiosos em seus julgamentos.

**Versículo 10.** A ironia pode agir como uma faca de dois gumes. Palavras ou comportamentos podem cortar o coração. Paulo havia sido esmagado e humilhado pelos que deveriam tê-lo apoiado. **Nós somos loucos por causa de Cristo** significa, com efeito: “Vocês que questionam minhas intenções e

riem do meu discurso fraco não têm noção do serviço altruísta que se presta no reino de Deus”. O tom de Paulo testemunhava que ele já havia sentido o golpe dos que se julgavam **sábios em Cristo**. Ele usou de ironia para expor a atitude traiçoeira de seus oponentes, forçando-os a olharem para si mesmos num espelho. Antes da cura, era necessário que os difamadores de Paulo reconhecessem e confessassem a imensidão do pecado que cometeram. Somente a partir daí poderiam participar do mesmo senso de vergonha que o apóstolo sentia.

Os caluniadores de Paulo pareciam pensar que confessar Cristo como Senhor equivalia a anunciar ao mundo quão sábios e fortes eram, conferindo a si mesmos reconhecimento e honra. “Pelo contrário”, disse Paulo, “nós apóstolos deixamos que o mundo nos defina como loucos, fracos, desprezíveis, problemáticos. Estamos dispostos ‘por amor a Deus’ a sofrer quaisquer maus tratos. Nenhum motivo ou intenção oculta nos impulsiona. Servimos a Cristo para que homens e mulheres conheçam a verdade e sejam salvos. Assumimos a sentença que o mundo nos deu. Somos **fracos... desprezíveis**.”

**Versículo 11.** A ironia, então, dá lugar à sóbria reflexão sobre o significado do ofício apostólico. Em geral, ser apóstolo significava passar **fome e sede** e maus tratos, sem roupas e abrigo apropriados. A reflexão de Paulo sobre o apostolado parece, no mínimo, beneficiar a si mesmo e a seus leitores. A intenção apologética tão proeminente em 2 Coríntios 11:23–29, e talvez em 2 Coríntios 6:3–10, é menos evidente aqui. Os confortos de Jerusalém e os debates com seus colegas fariseus pertenciam agora ao passado. Paulo trouxe à memória um período mais recente, de dias quentes e noites frias, nas altas planícies de Anatólia. Talvez sozinho, talvez com um ou dois companheiros, ele percorreu aquela região, avançando uns trinta quilômetros por dia, até chegar a Éfeso (Atos 19:1). O alimento era escasso e o dinheiro, curto. Ele havia descansado ao relento, mantendo um olho atento aos ladrões. Não houve nenhuma festa de boas-vindas para ele em Éfeso. Uma beira de porta ou um canto esquecido num muro foram sua morada. Troca de roupas e banho eram luxos fora de cogitação. **Até à presente hora** ele carregava o fardo do apostolado. Era o seu distintivo de honra. O último atributo da lista, **não temos morada certa** (*ἀστατέω, astatēō*), só tem esta ocorrência no Novo Testamento; significa vaguear, sem residência fixa.

**Versículo 12.** Alguns coríntios se lembravam do

primeiro encontro com Paulo na oficina de Áquila (Atos 18:2, 3). Ele não esperava caridade. **Trabalhando com as próprias mãos**, Paulo e outros mestres levantaram seu sustento. A atitude do apóstolo para com o trabalho se contrasta radicalmente com a dos filósofos cultos e dos ricos proprietários de terra do mundo greco-romano. Os contemporâneos intelectuais de Paulo avaliavam com desdém o trabalho braçal<sup>7</sup>. De sua parte, o apóstolo não tinha vergonha de ter trabalhado “noite e dia labutando para não viverem à custa de nenhum” dos irmãos (1 Tessalonicenses 2:9). Os inimigos de Paulo responderam aos seus esforços de levar Cristo a um mundo perdido em pecado tentando fazê-lo calar. Mesmo tendo sido **injurado e perseguido**, o apóstolo reagiu com misericórdia, bendizendo quem se opunha a ele, mas perseverando em sua missão.

**Versículo 13.** Ser um apóstolo não era ter uma vida de *glamour*. A missão que Cristo deu a Paulo não proporcionava poder social ou honra; em vez disso, significava virar a outra face, animar outros quando fossem **caluniados** e ser tratado como **lixo do mundo, escória de todos**. A maioria dos autores antigos buscava prazer, fama e poder. A expectativa de um aristocrata daquela época era que Paulo cultivasse seguidores em Corinto. Aos olhos desses, ele deveria estar pronto para levantar guerra a fim de que o seu partido, e não o de Apolo, prevalescesse. Paulo não tinha interesse por essa causa. Ele deixou que seus malfeitores continuassem a agir como queriam. Paulo rejeitou completamente as coisas que seus contemporâneos consideravam gloriosas e honrosas. Buscava para si a aprovação do Senhor, e não a de homens. Honrava de bom grado Apolo ou qualquer um que louvasse a Cristo. Provavelmente, a reação compassiva do apóstolo à afronta do partido de Apolo deve ter surpreendido e, ao mesmo tempo, envergonhado seus adversários.

#### **PAULO COMO “PAI” NA FÉ (4:14–21)**

Nem todos os cristãos de Corinto caluniaram Paulo e sua missão apostólica. A tarefa do apóstolo se dividiu entre animar os fiéis e confrontar os que estavam dispostos a abrir mão da unidade do corpo. Paulo, então, sintetizou esta porção da carta com palavras pessoais para lembrar seus leitores

<sup>7</sup>Viam o trabalho braçal como uma maldição e uma tristeza; acreditavam que ele se destinava somente aos escravos. (Roger B. Hill, “Historical Context of the Work Ethic”, 1999, página acessada em 2 de julho de 2015, [workethic.coe.uga.edu/historypdf.pdf](http://workethic.coe.uga.edu/historypdf.pdf).)

do que eles haviam suportado juntos, do cuidado constante do apóstolo e sua determinação de solucionar satisfatoriamente o atual impasse que perturbava a igreja.

**<sup>14</sup>Não vos escrevo estas coisas para vos envergonhar; pelo contrário, para vos admoestar como a filhos meus amados. <sup>15</sup>Porque, ainda que tivésseis milhares de preceptores em Cristo, não teríeis, contudo, muitos pais; pois eu, pelo evangelho, vos gerei em Cristo Jesus. <sup>16</sup>Admoesto-vos, portanto, a que sejais meus imitadores. <sup>17</sup>Por esta causa, vos mandei Timóteo, que é meu filho amado e fiel no Senhor, o qual vos lembrará os meus caminhos em Cristo Jesus, como, por toda parte, ensino em cada igreja. <sup>18</sup>Alguns se ensoberbeceram, como se eu não tivesse de ir ter convosco; <sup>19</sup>mas, em breve, irei visitar-vos, se o Senhor quiser, e, então, conhecerei não a palavra, mas o poder dos ensoberbecidos. <sup>20</sup>Porque o reino de Deus consiste não em palavra, mas em poder. <sup>21</sup>Que preferis? Irei a vós outros com vara ou com amor e espírito de mansidão?**

**Versículo 14.** Algumas das coisas que Paulo acabara de escrever à igreja coríntia, de fato, denunciavam um comportamento vergonhoso. Era vergonhoso para os discípulos de Cristo menosprezarem Paulo, apóstolo de Cristo, imaginando-se fartos, ricos e já reinando (4:8). Esses irmãos estavam considerando Paulo um louco e eles mesmos, “sábios” (4:10). Ironia, sarcasmo e vergonha foram as ferramentas que o apóstolo não hesitou em usar. Mais adiante na carta, ele repetiu: “Para vergonha vo-lo digo” (6:5; veja 15:34).

O que Paulo quis dizer com isto? O propósito dele não era **envergonhar; pelo contrário... admoestar** os irmãos. Disse que lhes escrevia claramente pela mesma razão que pais são firmes com seus filhos. Basicamente, afirmou: “Não tenho prazer em lembrar-lhes que parte do seu comportamento é lamentável, mas identificar a conduta vergonhosa é o primeiro passo para o arrependimento. Meu objetivo em admoestar vocês é tirá-los de hábitos e maneiras de pensar que desonram a Deus e prejudicam a Sua igreja. Amando-os como eu os amo, meu propósito jamais foi simplesmente envergonhá-los”.

**Versículo 15.** Os coríntios não tiveram um professor ou mestre equivalente a Paulo. Outros podem ter ajudado aquela comunidade a amadurecer

e crescer, mas Paulo teve um relacionamento com eles que jamais teve com outros. Alguns que exerciam influência sobre a igreja não tinham as melhores intenções em seus corações. Até mesmo os que ensinavam a verdade eram meros guardiões, tutores ou guias quando comparados a Paulo. Aqueles irmãos podiam ter tido **milhares de preceptores em Cristo**, mas não tiveram **muitos pais**. Paulo era o pai deles na fé. A palavra traduzida por “preceptores” (de *παιδαγωγός*, *paidagōgos*) é a mesma usada pelo apóstolo em Gálatas 3:24 e 25, em que ele descreveu a Lei como um “aio” ou guardião para conduzir as pessoas a Cristo. Além das duas ocorrências em Gálatas, esse termo só ocorre novamente aqui no Novo Testamento.

Todos que tinham ensinado os coríntios mereciam ser ouvidos respeitosamente, mas Paulo tinha um relacionamento único com eles. Foi ele quem os levou ao nascimento espiritual. O apóstolo lhes chamou a atenção ao fato de que fora ele quem primeiramente lhes apresentou a Cristo. A preocupação dele com aqueles irmãos era como a de um pai com um filho. Ainda assim, ele não agira como um rude ditador. Ele não disse: “Vocês têm de me obedecer. Não preciso justificar o que eu digo; eu sou o encarregado”. Antes, Paulo buscou o respeito deles. Sendo o pai espiritual deles, deveriam, no mínimo, levar em conta o papel de despenseiro que o Senhor confiou ao apóstolo.

A reivindicação de Paulo como pai é um lembrete de que a relação entre os cristãos e seus líderes espirituais jamais deve ser medida apenas pela obediência. Aos tessalonicenses, o apóstolo escreveu: “Agora, vos rogamos, irmãos, que acateis com apreço os que trabalham entre vós... e que os tenhais com amor em máxima consideração, por causa do trabalho que realizam” (1 Tessalonicenses 5:12, 13). Essas palavras aplicam-se a presbíteros, evangelistas e outros que empregam suas energias para edificar o reino de Deus. O presbitério de uma congregação não consiste numa comissão de diretores; são pastores que zelam pelo rebanho e trabalham com amor.

**Versículo 16.** Quando Paulo escreveu aos coríntios, o Novo Testamento ainda estava em processo de formação; por isso o exemplo de mestres piedosos era ainda mais importante naqueles dias do que hoje. O apóstolo apontou para si mesmo como aquele que não só ensinou, mas também viveu seguindo o evangelho (veja 11:1; Filipenses 3:17). Ele queria que aqueles “amados” irmãos (4:14) tivessem em vista a atitude com que ele trabalhou entre

eles. Considerando que ele sempre os amou como a filhos e que lhes deu exemplo de Cristo (**portanto**), exortou-os: **Sejais meus imitadores**. Donald A. Carson resumiu assim o desafio de Paulo: “Junto ao núcleo do processo de discipular alguém na fé cristã está a autodisciplina de servir de modelo para o aprendiz”<sup>8</sup>. Em suas cartas, o apóstolo demonstrou com constância que ele era um homem íntegro (1 Tessalonicenses 2:1–12). Ensinou pelo que dizia e pelo que era.

Quem ouve a mensagem do evangelho tem todo o direito de esperar que seu mestre siga o evangelho como um modelo para sua própria vida. A igreja é irreparavelmente prejudicada quando seus líderes dizem: “Faça o que digo, e não o que faço”. Todo presbítero ou pregador que não pode dizer, num nível razoável: “Sejam meus imitadores”, deve parar de desempenhar seu papel na liderança. Paulo reconheceu essa verdade e assumiu tal responsabilidade.

**Versículo 17.** Como um lembrete de seus ensinamentos em sua ausência, Paulo estava enviando Timóteo a Corinto. O fato de Timóteo não ter participado da saudação de abertura da carta indica que é improvável que ele estivesse em companhia do apóstolo. Tudo indica que Paulo o enviou a Corinto, juntamente com Erasto, passando pela Macedônia (Atos 19:22); porém, dada a natureza incerta da viagem, o apóstolo não tinha certeza de quando ele chegaria, ou se conseguiria finalmente chegar. Então, escreveu: **Vos mandei Timóteo**; sem saber se o jovem já estava mesmo a caminho. Isto fica evidente devido à outra menção de Timóteo em 1 Coríntios 16:10. Paulo esperava que Timóteo chegasse à cidade algum tempo após os coríntios terem recebido sua carta. Ele percebeu que alguma emergência local poderia exigir que Timóteo adiasse a missão a Corinto. Quando e se Timóteo chegasse, Paulo só podia esperar que tivesse treinado seu companheiro mais jovem o suficiente para ser eficaz. Timóteo sabia o que Paulo ensinava em todas as igrejas. Ele transmitiria àqueles cristãos as orientações inspiradas e apostólicas de que necessitavam. Acrescentou Paulo: **Timóteo vos lembrará os meus caminhos em Cristo Jesus, como, por toda parte, ensino em cada igreja**.

Timóteo já havia se juntado a Paulo quando o apóstolo escreveu 2 Coríntios, e seu nome foi adi-

---

<sup>8</sup>Donald A. Carson, *From Triumphalism to Maturity: An Exposition of 2 Corinthians 10–13*. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1984, p. 2.

cionado à saudação da carta. Timóteo parecia ser uma escolha natural para ajudar os coríntios porque ele estivera com Paulo e Silas durante o trabalho inicial naquela cidade (Atos 18:5; 2 Coríntios 1:19). Tomando por base as cartas de Paulo, o leitor não define se Timóteo realmente retornou a Corinto; se o fez, seus esforços não foram totalmente bem sucedidos. Alguns comentários de Paulo sobre esse jovem sugerem que ele era tímido demais para se impor (veja 1 Timóteo 4:12–14; 2 Timóteo 1:6, 7). Talvez o temperamento de Timóteo não fosse compatível com a resolução do tumulto instalado na igreja. Em 2 Coríntios vemos Tito, e não Timóteo, levando uma mensagem de Paulo àquela igreja (2 Coríntios 1:1, 2; 7:6, 7). Tito parece ter conseguido promover melhorias no estado da igreja; quanto ao sucesso de Timóteo, é incerto.

**Versículo 18.** Alguns coríntios **se ensoberbeceram**, ou “havia se tornado arrogantes” (NVI), descartando a possibilidade de verem Paulo na carne novamente. Provavelmente, deduziram que ele era como um dos filósofos itinerantes – que depois de conseguir o que queria deles, **não iria ter com** eles outra vez. Todavia, Paulo se fez claro. Seu bem-estar e sua vida estavam vinculados aos irmãos com quem ele partilhara a fé. Diferente de filósofos populares, Paulo considerava o seu trabalho bem feito somente se tivesse deixado para trás comunidades de discípulos dedicados a Cristo. Depois de lhes pregar o evangelho, estava determinado a ensinar-lhes a viver segundo as instruções do Senhor.

**Versículo 19.** Os que se mostravam orgulhosos de sua sabedoria carnal estavam equivocados em relação à ausência de Paulo. **Mas, em breve, irei visitar-vos**, garantiu o apóstolo. A única reserva era que a viagem teria de ser conforme a vontade do Senhor (veja Atos 18:21; Tiago 4:15). Parece que ele não conseguiu visitar Corinto durante uma curta viagem mencionada em Atos. Talvez tenha feito o trajeto de dois dias num navio mercante pertencente aos da “casa de Cloe” (1:11), velejando de ilha a ilha até chegar a Corinto. A viagem parece não ter saído como Paulo esperava. Ele teria sido atacado por adversários enquanto seus amigos se calaram à parte (veja 2 Coríntios 12:21).

É difícil saber o significado exato das palavras de Paulo: **então, conhecerei não a palavra, mas o poder dos ensoberbecidos**. Como ele esperava que esse “poder” se manifestasse é obscuro. Teria ele em mente uma competição de poderes miraculosos (veja 13:2b)? Certamente ele não cria que seus

adversários pudessem manifestar o mesmo tipo de poder que ele possuía pelo Espírito. Planejaria ele cegar seus adversários, como fizera a Elimas, em Chipre (Atos 13:11), ou estava falando do poder da palavra de Cristo? Será que ele os humilharia provando que estavam errados? Talvez ele se referisse ao fato de que a incoerência entre conduta e palavras denunciaria a falta de poder desses homens.

**Versículo 20.** Seja lá o que Paulo tinha em mente sobre esse poder, ele tinha a ver com **o reino de Deus**. O reino nunca esteve separado dos ensinamentos de Jesus: ele foi o assunto de parábolas (Marcos 4:26, 30) e era a inspiração para o arrependimento (Mateus 3:2; Marcos 4:17). Em Atos e nas Epístolas, fica evidente que o reino de Deus, há muito tempo profetizado, finalmente chegara (Colossenses 1:13). Ele é a igreja que Jesus prometeu edificar (Mateus 16:18). A expressão “o reino de Deus” não é tão recorrente nas Epístolas quanto é nos Evangelhos, mas é, geralmente, usada o bastante para vermos que se trata de um termo sinônimo de “a igreja”. Ensinar sobre o reino de Deus é mais do que proferir belas palavras ou argumentos inteligentes.

A questão do **poder** permanece no texto. Cristo tem o poder de transformar vidas, mas foi a isso que Paulo se referiu? Talvez ele estivesse usando “o reino de Deus” como uma figura de linguagem para representar o poder de Jesus Cristo ou o poder do Espírito Santo. Qualquer que seja esse poder, Paulo planejava exercitá-lo.

**Versículo 21.** “A questão não é se Paulo iria, mas como ele iria”, segundo Leon Morris<sup>9</sup>. O espírito com que Paulo voltaria a Corinto dependia da conformidade da igreja aos ensinamentos de Cristo. O apóstolo preferia ir até eles **com amor e espírito de mansidão**; mas, se ele tivesse de ir **com vara**, com severas repreensões, estava preparado para isso. Paulo parecia dizer que a força de seu raciocínio seria tão convincente que seus oponentes ficariam atônitos.

## DESTAQUES

### Administradores de Cristo

O apostolado consistia numa espécie de mordomia ou administração, elevada ao nível de uma comissão pessoal dada pelo próprio Cristo. O ofício

<sup>9</sup>Leon Morris, 1 Coríntios – Introdução e Comentário. Série Cultura Bíblica. Trad. Odayr Olivetti. São Paulo: Mundo Cristão & Vida Nova, 1986, p. 83.

de apóstolo restringiu-se às décadas imediatamente após a morte de Jesus, porém o serviço de um despenseiro ou mordomo cristão é inerente a cada ato de obediência a Cristo. Nos dias de Paulo, a mordomia ou o serviço de um administrador, era uma função conhecida. A palavra grega traduzida por “mordomo” ou “despenseiro” (οἰκονόμος, *oikonomos*) ocorre dez vezes no Novo Testamento. Seu significado comum é evidente em Lucas 12:42, em que Jesus disse: “Quem é, pois, o mordomo fiel e prudente, a quem o senhor confiará os seus conservos para dar-lhes o sustento a seu tempo?” A parábola de Jesus sobre o administrador infiel está registrada em Lucas 16:1–12.

Donos de grandes propriedades costumavam encarregar administradores dos cuidados com suas terras. Os administradores mesmos não eram donos de nada. A responsabilidade deles era cuidar do que lhes fora confiado. A administração ou mordomia apostólica exercida por Paulo tinha sua particularidade, mas o Novo Testamento emprega a palavra “mordomo” (ou “despenseiro”) para pintar um quadro mais geral das responsabilidades cristãs. Presbíteros, por exemplo, são mordomos a quem se confiou a vigilância espiritual de uma igreja local que pertence a Cristo (Tito 1:7). A tarefa deles é ensinar e admoestar os crentes, guiá-los no caminho para o céu. Cristo, que comprou a igreja com o próprio sangue, é o único que tem o direito de definir a conduta da igreja, prescrever sua adoração e declarar sua missão. Até que Ele volte, os presbíteros têm a responsabilidade de guiar a igreja conforme Ele instruiu; ou seja, eles são despenseiros ou mordomos de Cristo.

Os presbíteros não são os únicos a desempenhar o papel de mordomos/administradores. Embora a função de cada cristão não seja a de um apóstolo ou presbítero, todos que possuem dons ou capacidades são responsáveis por usar o que Deus lhes deu (1 Pedro 4:10). Ninguém pode esperar em Cristo sem exercer essa administração ou mordomia. Pedro falou de talentos como amar uns aos outros, hospitalidade, anunciar a Palavra de Deus e servir. Ações comuns também incorporam a mordomia cristã: convidar um vizinho para adorar no domingo, ajudar um enfermo, preparar alimento para alguém necessitado e animar um cristão em luta são maneiras de servir. Deus confia ao Seu povo uma variedade de habilidades. Paulo escreveu: “O que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel” (1 Coríntios 4:2).

## Pregadores e a Pregação

A igreja de Cristo tende a ter uma relação indefinida, até preocupante, com os que servem, ensinam e guiam os membros. Homens escolhidos têm a responsabilidade de ministrar, ensinar e ser modelo do modo de vida ensinado por Jesus e pelos apóstolos; porém eles servem em corpos de barro, afligidos por suas próprias fraquezas. Os cristãos podem subestimar ou superestimar uma opinião daqueles que lhes ministram. Eles têm todo o direito de esperar que o pregador leve a sério a mensagem que ele prega em sua própria vida; mas quando não concedem a graça da compreensão e do perdão, estão exigindo um nível de perfeição que nenhum homem pode alcançar.

Não se deve medir os pregadores entre si, comparando-os e contrastando-os como se servir ao Senhor fosse como correr uma maratona ou competir por uma promoção no emprego. Paulo e Apolo viram-se numa situação semelhante a essa em Corinto. O apóstolo dirigiu-se à postura competitiva que a igreja estava atribuindo a ele mesmo e a Apolo. Ele aconselhou os irmãos a “não se ensoberbecerem a favor de um em detrimento de outro” (4:6b). Cada um servia da sua própria maneira, com seus próprios talentos. Um membro podia ser mais versado que outro; um podia ter um discurso mais incisivo e eloquente. Todos os membros devem oferecer o que têm.

Tudo indica que alguns crentes haviam exposto a eloquência de Paulo, ou a falta dela, contra a de Apolo. Eles se dividiram em times, escolhendo os favoritos. Cada sermão tornou-se, assim, uma competição, como acontece em certas igrejas hoje. Quem prende mais a atenção? Quem tem histórias mais interessantes? O pregador se vê numa posição difícil. Se ele dá pouca atenção à forma, é visto como tedioso e sem incitar inspiração. Se mantém o foco no poder de entretenimento do sermão, pode negligenciar a importância da fidelidade à mensagem e à doutrina de Cristo.

Na última metade do século XIX, Thomas Hardy, novelista e poeta inglês, escreveu *The Mayor of Casterbridge*. Nesse romance, descreveu uma cena em que os cidadãos participavam de uma discussão provocativa numa tarde de domingo. Hardy escreveu o seguinte:

Não era uma conversa trivial, que se ouve em dias da semana, mas algo com um propósito totalmente mais refinado e um tom superior. Discutiam obcecadamente o sermão, dissecan-

do-o, pesando-o, se estava acima ou abaixo da média – com a tendência geral de tratá-lo como um feito ou uma execução científica sem relação alguma com suas próprias vidas, exceto com a que existe entre críticos e o objeto criticado.<sup>10</sup>

Hoje, muitos pregadores experimentam o tipo de avaliação que Hardy expôs. James Montgomery Boice, mais recentemente, descreveu sua própria frustração com a tarefa de pregar:

Hoje, as pessoas procuram nas igrejas entretenimento, distração, e as igrejas que divertem ou distraem mais são mais bem sucedidas. As pessoas não vão à igreja com o intuito de achar Deus ou esperando algo transcendental ou entendendo o que é adorar ou querendo aprender; elas vão para se sentir bem – o que é outra maneira de dizer que elas vão para se entreter...

Os pregadores não podem falar demais nem ser sérios, e não podem usar palavras com conteúdo teológico. Os sermões são avaliados segundo as necessidades sentidas. Temos de ser engraçados e contar histórias pessoais.

A igreja precisa redescobrir quem é Deus, conhecê-LO e ter comunhão com Ele. A via para isso sempre foi a exposição e o ensino bíblicos. Não existem atalhos.<sup>11</sup>

A pregação é inerente à vida da igreja (2 Timóteo 4:1, 2). Um sermão é mais do que um mero discurso; ele também constitui adoração e louvor. Através de sermões, ministros da igreja empregam seus talentos para ensinar e inspirar os ouvintes a um viver digno do evangelho. A igreja deveria esperar que os pregadores dessem o máximo de si nessa missão, porém os irmãos também devem aprender a aceitar cada pregador pelas habilidades que podem agregar a essa tarefa. Ninguém se beneficia quando cristãos colocam um pregador contra o outro e optam por um partido baseados em preferências.

### Um Chamado à Humildade

Humildade é uma virtude silenciosa, elusiva. Ao contrário de seu oposto, a arrogância ou soberba, ela raramente se autoproclama. Os oponentes

<sup>10</sup>Thomas Hardy, *The Mayor of Casterbridge*, nova ed. Londres: Sampson Low, Marston, Searle, & Rivington, 1887, p. 309. [Tradução livre.]

<sup>11</sup>James Montgomery Boice, "Exposition Not Entertainment", *Leadership* 14. Primavera de 1993, p. 27. [Tradução livre.]

de Paulo provavelmente não se identificariam entre os que "se ensoberbeceram". A maioria das pessoas reconhecem o que julgam ser humildade ou arrogância nas outras pessoas; geralmente são menos habilidosas em ver essas características em si mesmas. A arrogância ou soberba dos críticos de Paulo em Corinto resultou na recusa de ouvirem e aprenderem com um apóstolo de Cristo. Agiram parecidos com um jovem que pensa saber mais sobre amor e casamento do que seu avô, casado com a mesma mulher por sessenta e cinco anos. Humildade é a disposição de aprender com quem percorreu a estrada antes de nós.

A arrogância ou soberba é uma mentalidade que atribui um valor indevido à importância das próprias preferências ou julgamentos. É autoconfiança desenfreada. Arrogância é um desdobraimento do mesmo orgulho que fez o primeiro casal desacatar a Deus e, efetivamente, dizer: "Eu sei o que Tu queres, mas farei do meu jeito". Humildade, ao contrário disso, é a disposição de questionar a si mesmo e de valorizar os outros. Aqueles que têm Cristo como Senhor consideram a humildade uma virtude. No século V, Agostinho apresentou este julgamento sobre como obter a verdade: "[A] primeira maneira... é humildade; a segunda maneira é humildade e a terceira maneira é humildade, e quantas vezes me perguntaram"<sup>12</sup>.

Ser humilde é avaliar a si mesmo realisticamente, e essa não é uma tarefa pequena. Não se trata de uma entrega constante à autodepreciação, declarando-se uma pessoa fracassada. A verdadeira humildade está em atos como Jesus lavando os pés dos discípulos. Está numa criança envolvida nos braços do Senhor. Está em Paulo, "condenado à morte", "espetáculo ao mundo" (4:9). Está em Jeremias, desconfortável e confuso em seu chamado profético, mas inabalável em sua determinação de pregar. Está em Jó, sofrendo com dores e indagações, mas ainda confiante em Deus. Humildade é servir, confiar e dar sem o brilho de holofotes. Os críticos de Paulo em Corinto preferiram o engrandecimento de si mesmos à submissão a Deus. Com essa mentalidade incrédula, espalharam desordem e confusão na igreja.

<sup>12</sup>Agostinho, *Cartas* 118.22.